



evangelizar

a voz da mulher na missão

hoje

N.º 135 Abril | Junho • 2021

Trimestral

A Páscoa de Jesus: da solidão à comunhão

Nas *mulheres* que vão, de madrugada, ao sepulcro de Jesus, reconhecemos as nossas fragilidades e impotências perante uma relação importante, que a morte nos roubou.

A palavra *Sepulcro*, que significa em grego, a língua original em que os evangelhos foram escritos, *Memória*, permanece ligada ao coração, o nosso órgão dos afetos. É por isso que visitamos esses túmulos e os adornamos com flores, velas, lágrimas de saudade e orações.

A *memória da morte* escondida sob o véu da tristeza impulsiona-nos a crer que jamais haverá verdadeira alegria.

Assim, as mulheres, naquela *madrugada do primeiro dia da semana* caminhavam com o coração pesado lamentando entre si: *quem nos rolará, a pedra da entrada do túmulo?* Mas, erguendo os olhos viram que a pedra já fora removida!

Mas agora, quem lhes acenderá uma luz em tamanha escuridão? Quem as libertará do medo, de que a vida seja apenas uma promessa não realizada?

Tendo entrado no Sepulcro, em lugar do cadáver de Jesus, elas deparam-se com um jovem cheio de vida, vestido de branco e de luz, do lado direito, o lugar de quem participa num poder que não lhe pertence, e do qual é guardião e executor. Ficam claramente assustadas. Mas é ali, no espaço sepulcral, onde tinha estado o corpo de Jesus, que elas experimentam, de sobressalto, encontrarem-se no lugar onde a esperança pode florescer (Cf. Marcos 16, 1-9).

O jovem disse-lhes: *Não vos espanteis! Procurais Jesus de*

Nazaré, o Crucificado? Ressuscitou não está aqui! Vede o lugar onde o puseram.

A *Memória de Deus*, que é o Amor, prevaleceu sobre a morte. O Crucificado ressuscitou!

As mulheres que pretendem perfumar o Seu corpo, como último gesto de amor, recebem a revelação de algo inaudito! Revelação guardada para elas, que tinham seguido e servido o Mestre desde a Galileia, subindo com Ele a Jerusalém, até ao Monte Calvário, onde o contemplaram Crucificado permanecendo com Ele até ao fim. Para Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago e Salomé, e a quem faz como elas fizeram, está destinada a Revelação do Mistério da Glória, suprema recordação de um Deus Despojado e Crucificado e Morto que dá a Vida ao mundo. Elas, sem se darem por isso, atingem os confins entre céu e terra, onde a *memória* da morte cede o lugar ao *encontro* com a Vida; elas foram as primeiras a entrar no mundo do *Vivente*, onde a vida não termina mas se transforma.

Esta **Grande História** liga as nossas pequenas vidas à **Única Grande**

Vida que, tomando as frágeis e “indignas” partes de todas as vidas, as integra na história do **Seu Corpo Glorioso** através da Sua Páscoa: «Ora vós sois o Corpo de Cristo e sois os seus membros. Se um membro é glorificado, todos os outros partilham a Sua Glória (Cf. 1 Coríntios 12, 26-27).

O Mestre Amado Vive! Agora é preciso ir depressa para anunciar aos irmãos o perdão e o desejo de Deus: *caminhar à luz do Seu rosto, plenitude e alegria sem fim na Sua presença!*

Irmã M.ª do Carmo Bogo

Tlm.: 969 674 952 | mariadocarmobogo@gmail.com

Blogue: irmascombianas.wordpress.com | www.combiane.org



Conferência Episcopal Portuguesa

I A Igreja e a pandemia

1. A Igreja em Portugal, através dos seus bispos, sente-se unida a quantos foram diretamente atingidos pela pandemia e sofrem nas suas casas e famílias, nos lares e nos hospitais, na Igreja e suas instituições, pedindo a bênção de Deus e a recuperação da saúde e da esperança para as suas vidas. Partilha, igualmente, a dor das famílias que perderam os seus entes queridos, confiando-os aos braços misericordiosos do Senhor, assim como a angústia dos que perderam ou viram substancialmente reduzidos os seus rendimentos necessários a uma vida condigna.

2. A Igreja quer manifestar reconhecimento e gratidão a todos os que, mais de perto, têm tido a missão de conduzir o país, mesmo com decisões difíceis, aos prestadores de serviços na saúde, nas escolas, nas instituições de solidariedade e a todos os voluntários que enfrentam mais de perto todo o tipo de riscos. A Igreja pensa em todas as pessoas de diversas profissões e atividades humanas que não pararam de trabalhar para que outros pudessem sobreviver encerrados em suas casas; pensa em todos os que fazem da vida um dom aos irmãos; pensa nos especialistas e investigadores; lembra os profissionais das casas de idosos e dos hospitais que conseguem acrescentar um “algo mais” e bem precioso às obrigações e horários, e que fazem da vida um talento e uma dádiva; lembra os autarcas nas diversas funções para que foram eleitos e as forças de segurança e de proteção civil; lembra as pessoas com deficiência, nas instituições e em casa de família; lembra e encoraja os párocos e outros agentes pastorais no enorme esforço de adaptação e presença no meio do seu povo. A todos garante a sua solidariedade e oração.

3. Com este documento, a Igreja procura discernir desafios pastorais e lançar alguma luz sobre o que vivemos. Mais que conclusões apressadas, que o Espírito nos conceda a Sabedoria. O primeiro desafio que se coloca à Igreja e ao mundo é saber “habitar este silêncio”. Só assim conseguirá ouvir Deus que nos deixou ficar “sem palavras”, bem como o grito da terra e o grito da Humanidade.

Uma Terra em agonia

4. Esta não é apenas uma pandemia, mas encruzilhada de tantas outras, a mais visível das quais é a crise am-



biental. A Terra agradeceu a nossa travagem. Olhando a natureza doente, podemos mesmo perguntar: “onde foi parar o ser humano?”. Esgotamos os recursos ambientais e humanos para edificar uma sociedade que, na hora da verdade, se mostra frágil e voraz. A destruição acelerada de espécies animais e vegetais, a poluição e tantos outros pecados graves contra a natureza ameaçam a própria sobrevivência da Humanidade.

5. Falando do ser humano e da natureza, o Papa Francisco afirma: “tudo está conectado”. Constitui, porventura, a mensagem central da Encíclica “Laudato Si”. O ser humano não está dissociado da Terra ou da natureza, eles são partes de um mesmo todo. Portanto, destruir a natureza equivale a destruir o Homem. E destruir o Homem, criado à imagem e semelhança de Deus, é atentar contra o próprio Deus Criador. Da mesma forma, não é possível falar em proteção ambiental sem que esta envolva também a proteção do ser humano, em especial os mais pobres, os vulneráveis e os refugiados do clima.

Desafios pastorais da pandemia à Igreja de Portugal

II Desafios Pastorais

Embora a pandemia não tenha terminado, há inúmeros desafios “concentrados” no período de confinamento.

6. Defender a saúde dignifica a vida, mas o direito à vida não é só ter direito de viver. É exigível criar e manter as condições para uma vida digna, sem discriminações, minimizando o sofrimento decorrente de uma doença e tratando os doentes com todos os meios humanos, técnicos e científicos disponíveis para um cuidado com qualidade.

Cuidar de um doente significa prestar assistência a uma pessoa fragilizada, abalada e insegura, em que a responsabilidade de quem cuida implica zelar, consolar e medicar de acordo com a individualidade de cada um. O cuidado para com a pessoa doente implica igualmente restaurar e curar a vida espiritual e suscitar esperança. Conscientes de que é na doença que se revelam as suas fraturas e deficiências, o acompanhamento visa recuperar e desenvolver a comunhão com Deus. Cuidar da vida desde a sua conceção até à morte natural é uma exigência da sociedade que decorre do bem comum.

7. Sabemos que não há recursos ilimitados, sobretudo devido às políticas económicas deficientes. Mas, se a vida não for prioridade inquestionável, o que o será? O conceito de lucro na saúde é problemático, quando se



torna o critério decisivo, exclusivo ou principal. Quais as consequências para a qualidade do serviço de saúde público e privado? “Estamos todos no mesmo barco”, mas sabemos que a saúde não é igual para todos e que se vive e morre em “barcos muito desiguais”. Se não formos capazes de alterar este binómio – vida e saúde –, onde se mede a igual dignidade de todos, não teremos uma sociedade justa e solidária.

8. As questões levantadas por esta pandemia não são apenas sanitárias, económicas ou sociais, mas devem ser ocasião para provocar uma mudança de mentalidade e uma reviravolta cultural concretizada em modos de ver, sentir, pensar e agir imbuídos de verdade, de justiça, de fraternidade e de paz, à medida de toda a família humana. Precisamos de pessoas sábias e santas dentro de todas as áreas do saber e do agir, criativos da palavra e do amor.

9. Um desafio pastoral urgente poderá ser o de reunir pessoas atingidas pela experiência do sofrimento, que caminhem lado a lado e rezem na companhia de quem sofre. Pessoas que não tenham medo de abordar com palavras e espiritualidade a vida até à morte, sem esquecer a **Vida Eterna**. Não se pode abandonar na solidão quem está nos momentos mais exigentes e decisivos da vida. **Saberá ajudar a morrer quem souber viver a transcendência.**

Conferência Episcopal Portuguesa
Desafios pastorais da pandemia à Igreja em Portugal (números 1-9)

Fátima, 13 de novembro de 2020



Missão, a grande riqueza que Deus me deu

O meu nome é Annunziata mas toda a gente me chama “Nunzi”. Sou italiana e vou na minha terceira primavera contando 79 anos de idade, 36 dos quais, vividos em vários países africanos: Egipto, República Centro Africana e o Tchad, onde ainda me encontro. Gozo de boa saúde e sinto-me feliz por continuar a trabalhar com este povo que amo.

O maior desafio do Tchad é a aprendizagem das línguas locais, que não tendo qualquer semelhança ou relação com outras línguas que conhecemos tornam-se difíceis; além disso, cada tribo tem a sua própria expressão idiomática de maneira que, falam-se várias línguas na mesma nação. Contudo, esta situação, não me impediu de trabalhar a tempo pleno na pastoral. Somos ajudados pelos catequistas locais, os líderes das comunidades e as mulheres que nos apoiam em vários âmbitos.

O povo acolheu-me muito bem e, com eles, fui aprendendo a cultura local que me permitiu penetrar nas aldeias e nas famílias levando o evangelho aos mais humildes. Entre outras coisas, também me fui habituando ao clima ardente, sobretudo durante a estação seca que dura vários meses. Como eu gosto muito da missão, assim também o meu corpo acabou por gostar do país e de tudo o que se lhe refere, inclusive o clima. A malária causa muitos problemas aos missionários, e a mim tocou-me a mesma sorte. A gente fica muito débil e com o passar dos anos a fraqueza aumenta, mas isso também nos trás a grande vantagem de fazermos causa comum com o povo que sofre as mesmas dificuldades e, infelizmente, são muitos os que morrem com essas doenças.

Desde que cheguei ao Tchad deram-se muitas mudanças, algumas positivas e outras nem tanto. Em 1972, a Igreja Tchadiana, em concreto a diocese de Sarh, era insignificante: nas aldeias não havia cristãos, nem catequistas e muito menos sacerdotes locais. Ao longo dos anos, porém, tem-se verificado um desenvolvimento notável; pode-se dizer que, atualmente é uma diocese autónoma, com os seus sacerdotes, bispos e até nasceu uma congregação de religiosas locais. Esta é uma graça muito grande que Deus fez a favor deste



povo e eu sinto-me muito feliz e grata por ter visto esta Igreja a crescer e consolidar-se ao longo do tempo. Também se notam alguns avanços nas infraestruturas:

Nos transportes, passamos das bicicletas às motas e, recentemente, também se veem alguns veículos nas pistas. Na saúde a taxa de mortalidade baixou consideravelmente e, na educação, as escolas nas aldeias são visíveis embora se tratem de cabanas de colmo, o importante é que estão realmente a funcionar.

Mas com todas estas vantagens apenas citadas, chegaram também algumas desvantagens: Os telemóveis, e a televisão, são o exemplo mais concreto. Estes meios puseram os jovens a sonhar realidades que os pais não conseguem controlar.

A mais bela e tocante missão

Marcou-me muito uma experiência missionária vivida em Maibo, no vicariato de Kassai (Sarh) na zona de Moutoumbim, na outra margem do rio Chari. O território ficou abandonado durante muitos anos, o que o tornou para nós, uma missão de primeira evangelização, e por isso prioritária. Padres, catequistas e irmãs aventurámo-nos a entrar na canoa, com as nossas motas e cruzar para a outra margem do rio Chari.



A vocação que me ligou a vários povos

As estradas encontram-se em mau estado. A primeira aldeia, Moutoumbim, é a mais importante e situa-se a 35 Km de distância, as outras mais internas ficam mais afastadas entre os 45 e os 70 Km, onde podemos chegar graças às nossas motos. Todos os meses, para lá nos dirigíamos e por lá andávamos três ou quatro dias a visitar as escolas comunitárias que fomos criando ao longo dos anos. Dávamos formação aos professores e aos catequistas que se encarregavam de continuar o trabalho da escola e da catequese.

Eram os catequistas que preparavam os catecúmenos para o batismo. Estes povos recebiam-nos sempre com muita alegria e generosidade oferecendo-nos a comida e uma esteira para descansar.

A minha maior dificuldade foi cruzar o rio. A canoa quase sempre tinha buracos por onde a água entrava, e com o peso das nossas motos havia o perigo de afundar. Como eu não sabia nadar, tinha muito medo que a canoa se virasse, e, por este motivo estas viagens resultavam muito esgotantes para mim. Porém, o medo nunca vingava e ao chegar à outra margem sentia-me feliz esquecendo toda aquela ansia que sofrera. Sempre que fazíamos estas viagens repetia-se o mesmo trauma, seguido da mesma alegria!

Durante a Quaresma organizávamos os retiros na floresta, dos quais eu gostava imenso. Os cristãos reuniam-se num lugar fora da aldeia, onde passávamos três dias de baixo das árvores a céu aberto. Era tempo de oração e de formação mais intensa que nos preparava para a celebração da Páscoa. Era um tempo para nos conhecermos melhor, as famílias que se tinham separado reuniam-se de novo voltando a viver juntas, em paz, pelo perdão e a reconciliação. Havia muita alegria na vivência da fé e na entreeajuda que nos fortalecia a todos nas dificuldades.



Agora com esta idade vivo uma vida mais tranquila, contudo eu gosto muito das surpresas e Deus tem o cuidado de mas enviar todos os dias. Amo também os imprevistos que na missão abundam dando cor à vida. Embora já não possa ir às aldeias como antes, dormir no chão, tendo uma esteira por colchão, percorrer quilómetros de moto por caminhos perigosos, ainda posso acolher as pessoas que nos visitam, oferecer-lhes água e café com todo o carinho, para que se sintam bem.

Ainda posso ir visitar os doentes ao hospital, falar com as suas famílias e fazer algum trabalho pastoral na paróquia. Sem dúvida que os tchadianos não precisam de mim, mas eu preciso deles. Com eles eu aprendi a viver o evangelho na simplicidade e na pobreza do dia-a-dia. Aprendi a estar alegre, não obstante as dificuldades e também a levantar a cabeça depois de uma guerra atroz com as suas calamidades.

Dou muitas graças a Deus pela vocação missionária que me permitiu viver a minha fé ligando-me com estes povos de línguas e culturas várias. Dou graças por este país que me acolheu e sinto que é também meu.

Annunziata Giannotti
Irmã Missionária Comboniana



Uma Igreja em saída

O Ano Missionário Extraordinário, Outubro 2018-2019, rico de atividades e experiências, reavivou o sentido profundo de pertença, na feliz expressão do Papa Francisco, *a uma Igreja em saída que toma a iniciativa, sem medo de ir ao encontro dos afastados, de chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos, porque se a Igreja não sai de si mesma se corrompe.*

Impulsionadas por este espírito eclesial, as irmãs missionárias combonianas, uma vez mais, se aventuram a iniciar um caminho novo e desta vez rumo à Turquia sem *pretender ver resultados espetaculares sabendo simplesmente que o seu dom é necessário* (Cfr. *Evangelii Gaudium*, nº 24). O Espírito Santo nos precede e é Ele quem opera quando e onde quer.

A presença das primeiras missionárias combonianas na Turquia, chamadas pelo bispo latino de Anatólia, mons. Paolo Bizzeti, teve início em 2018 na cidade de Kirsehir, com apenas dois dos seus membros que foram viver com outra irmã de nacionalidade turca, membro de outra Congregação.

Esta foi a nossa resposta às necessidades da comunidade dos Refugiados provenientes de vários países: Sírios, Iraquianos e Curdos. O nosso desejo mais profundo é o de caminhar com eles ajudando-os a progredir no seu caminho de fé perseverando nos valores humanos que trazem consigo. Julgamos importante a nossa participação no diálogo ecumênico entre os crentes das diferentes Igrejas, que aí se encontram, a partir de uma comunidade intercongregacional concreta, aberta também aos leigos. E assim, me encontro na Turquia, para onde Deus



Ir. Expedita
Turquia

me enviou como membro da 1ª comunidade comboniana no país. Vim com muita alegria e alguma “loucura comboniana” e já vejo como esta nova abertura é um dom de Deus, antes de mais para mim, que anseio viver esta grande aventura apostólica. Rezemos por todos estes irmãos e irmãs, que fogem dos seus países em busca de respeito e segurança.

Todos nós podemos contribuir para um mundo melhor ao acolhermos aqueles que chegam às nossas fronteiras, conscientes que na pessoa do refugiado se esconde o mesmo Senhor Jesus Cristo que nos implora abrigo e proteção. Obrigada por caminhar connosco e por todo o apoio à missão.

Irmã Expedita Pérez Leon
Missionária Comboniana na Turquia





Sou de Cristo,



sou feliz!

Sou o Ronaldo, de origem cabo-verdiana, nasci em Portugal no dia 1 de Junho de 1998 e fui batizado a 25 de Agosto do mesmo ano. Desafiado pela Irmã Rosineide, aceitei partilhar com os leitores e os amigos do *Evangelizar hoje* a minha história, na qual reconheço com gratidão os favores que Deus me concedeu.

Na paróquia da Ameixoeira, em Lisboa, onde fiz o meu percurso catequético, o meu pároco envolvia-me sempre com outras crianças nas celebrações litúrgicas.

As pessoas mais importantes para mim são *Jesus e a minha mãe* e aqueles momentos em que aprendi com a minha “santa mãe” as primeiras orações foram especiais. De facto, desde muito cedo, ela incutiu em mim o amor pela Eucaristia.

A busca de sentido na minha vida acompanhou-me desde muito pequeno. Apaixonava-me ver a felicidade do Pe. Álvaro e a forma como ele falava de Jesus e pensei que era uma opção lógica seguir o caminho que ele escolhera.

Por agora avanço na busca de sentido para a minha vida discernindo a vontade de Deus para o meu futuro.

Atualmente pertenço à comunidade paroquial de Camarate onde trabalham os missionários combonianos e com eles vou alimentando a minha fé, conhecendo o sentido da missão "ad gentes". Conheci os padres missionários combonianos em 2008 quando visitaram a escola no Lumiar. Fiz questão de estar por perto participando nas atividades da **Missão+, Semp'abrir, Natal+ e Fé e Missão** e fazer parte dos movimentos juvenis acompanhados pelos padres, irmãs, leigos e seculares da *família comboniana*.

Neste tempo de pandemia tem sido mais complicado viver a dimensão da proximidade. No entanto, como grupo, procuramos alternativas para que este tempo de confinamento seja um tempo oportuno para o encontro com Deus, pois Ele deixa-se encontrar... No mês de Março criámos um movimento de oração *online* chamado "**Oração Pelo Mundo**". Inicialmente era um movimento que tinha um encontro diário, juntando jovens de várias zonas de Portugal e mais alguns de outros Países.

Agora reunimo-nos somente às sextas-feiras pelas 21h30. É um espaço muito bom para promover a escuta, procurando discernir o que o Senhor nos quer dizer por meio da sua Palavra. É um espaço aberto a todos e se alguém estiver interessado em saber mais pode entrar em contacto connosco na nossa página de **Instagram @oracao.pelo.mundo**.

Para concluir, deixo aqui a primeira oração que a minha mãe me ensinou quando eu ainda não sabia falar, que talvez seja a oração que mais sentido faz na minha vida:

"Bendito sejas meu Deus pelo vosso grande amor! Perdoai o mal que fiz e ajudai-me a ser melhor. Amém".

Ronaldo Rodrigues Gonçalves

Contacta: Ir. Rosineide Lima • Tlm. 961 163 987
Ir. Arlete Moreira • Tlm. 924 152 427

www.comboniane.org
Blogue: irmascombonianas.wordpress.com

IRMÃS MISSIONÁRIAS COMBONIANAS

Porque me tens Amas



(Cf. Salmos 17;29)

Eu te amo, ó Senhor
minha rocha, minha força e proteção;
meu abrigo e meu refúgio
nas horas da tribulação.

Apertaram-me os laços da morte
caiu sobre mim o terror;
então gritei pelo meu Deus:
«Salva a minha vida!».

Ele ouviu a minha voz,
e do alto estendeu a Sua mão:
defendeu - me de inimigos poderosos
e levou-me para um lugar seguro,
escondeu-me no segredo da Sua tenda.

Tu, ó meu Deus
manténs acesa a minha lâmpada;
iluminas as minhas trevas
e aplanas o meu caminho.
Dás largueza aos meus passos,
e aos meus pés a agilidade do veado
e nas alturas caminhas a meu lado.

Por isso, cantarei hinos à tua fidelidade,
hei de dar a conhecer a todos os povos
O bem que me fizestes;
Porque me tens Amor!



COLABORE COM UMA BOLSA DE ESTUDO PARA A FORMAÇÃO DE UMA MISSIONÁRIA

Mediante a oferta de € 250, feita de uma vez ou em prestações.
Como benfeitor (a) será recordado (a) diariamente nas Orações e na Eucaristia da Comunidade.

Queres conhecer a Vida Missionária ?

Contacta-nos !

Ir. Lúcia do Patrocínio Granjal
Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 355
4200-189 PORTO
Tel. 225 096 967 Tm. 967 969 360
E-mail: mluciagranjal@yahoo.com.br
www.comboniane.org

Ir. Maria do Carmo Bogo
Rua Cidade Nova Lisboa, 57
Olivais do Sul 1800-107 LISBOA
Tel. 218 517 640 Tm. 969 674 952
E-mail: mariadocarmobogo@gmail.com

Ir. Maria Natália Lopes Almeida
Rua Daniel Comboni, 122
Bairro de Sta. Eugénia 3500-031 Viseu
Tel. 232 424 502 Tm. 963 867 761
E-mail: marianataliaalmeida@yahoo.com.br
www.comboniane.org

COLABORE COM A MISSÃO através do Evangelizar Hoje

Leia • Inscreva-se • Divulgue !

Nome _____

Morada _____

Localidade / Cidade _____

Código Postal _____

Contactos: Telf. _____

E-mail _____

Data de Nascimento _____

Data de Inscrição _____

INSTITUTO IRMÃS MISSIONÁRIAS COMBONIANAS Caixa Geral de Depósitos • Lisboa • Portugal • Conta IBAN PT50 0035 0557 00041132 53006
EMISSÃO DE RECIBOS: Envie-nos uma cópia do talão comprovativo do seu donativo (depósito, transferência ou cheque)